

## QUADRILÁTERO: UM ÂNGULO DIFERENTE DA HISTÓRIA

**Heloisa Pereira Hübbe**

*Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC*

"História é um romance verdadeiro."

*(Paul Veyne)*

### ALGUMAS COLOCAÇÕES TEÓRICAS

Linda Hutcheon em sua *Poética do Pós-Modernismo* aborda entre outros aspectos o problema da referência. Segundo a autora, em certos romances "a história parece ter uma dupla identidade. (...) É uma extensão da separação que o senso comum faz entre dois tipos de referência: aquilo a que a história se refere é o mundo real; aquilo a que a ficção se refere é um universo fictício."<sup>1</sup>

Existem romances que lidam com o imbricamento da história com a ficção, levantando, inclusive, dúvidas no leitor (O que é real? O que é ficção?). O fato de escritores se basearem na história para construir um mundo ficcional implica no resgate do passado e revela uma visão parcial dos acontecimentos históricos, na medida em que, geralmente, o autor "toma um partido". Apresenta, dessa forma, o ponto de vista dos vencedores ou dos vencidos. Atualmente podemos observar uma preocupação maior dos escritores em contar a história dos vencidos.

Já os discursos da História - que têm um compromisso com a Verdade - geralmente nos chegam através da visão dos vencedores. Walter Benjamin problematiza essa questão com suas *Teses sobre Filosofia da História*: afinal, com quem se identifica o historiador do historicismo? A inelutável resposta é: com o vencedor. (...) Por isso o materialista histórico se

afasta o máximo possível da tradição. Ele considera como tarefa sua pentear a história a contrapelo.”<sup>2</sup> Segundo Lauro Junkes: “Benjamin, por sua vez, procura ver a história como uma história possível entre outras, não a história ‘oficial’ dos vencedores, mas uma história que poderia ter sido, não tendo, porém, tido condições de ser.”<sup>3</sup>

O imbricamento da história com a ficção e o fato da história ser um discurso nos remetem a Mikhail Bakhtin, para quem toda palavra que usamos traz uma carga de “outrem”, e todo texto, conseqüentemente, relaciona-se a outros já escritos. O texto, desta forma, pode constituir um “intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica, na qual se confluem, se entrecruzam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências”.<sup>4</sup> A partir das colocações de Bakhtin surge a noção de intertextualidade. Este termo, intertextualidade, foi criado por Julia Kristeva para designar o fenômeno observado pelo teórico russo. Dando prosseguimento ao estudo bakhtiniano, Kristeva afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar de intersubjetividade, instala-se a de ‘intertextualidade’ e a linguagem poética lê-se pelo menos como ‘dupla’.”<sup>5</sup>

Alguns autores restringem a noção de intertextualidade de Kristeva à citação literária. No entanto, a autora afirma que “Bakhtin situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las”.<sup>6</sup> Assim, encarando-se texto como “sistema de signos”, a história constituiria um texto e sua relação com a literatura seria também uma forma de intertextualidade, como veremos mais adiante, ao estudarmos o romance *Quadrilátero*<sup>7</sup> de Adolfo Boos Júnior. Antes, porém, é preciso fazer algumas colocações históricas a respeito da colonização germânica em Santa Catarina, tema do romance.

## ALGUMAS COLOCAÇÕES HISTÓRICAS

*Havia dias e horas de multidões e mutilações. Sabia que em cada segundo lhe ia faltando uma partícula a mais, cá dentro. Mutilação perfeita. A alma se esvaziando. Tudo se ia soltando a esmo.*

(Lausimar Laus)

O panorama da Alemanha no início do século XIX mostra um

amontoado de pequenos Estados pobres e com sua economia baseada na agricultura. Três quartos da população alemã viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por precárias vias de comunicação. Essa população estava dividida em três classes: a nobreza, a classe média educada e o *povo* (camponeses, artesãos, lojistas, servos e o proletariado). Comércio e indústria eram regulados por velhas leis medievais.

A emigração de alemães em grande escala, no século XIX, coincidiu com o período de grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1871. As causas dessa emigração são tanto políticas como econômicas.

As razões mais importantes que levaram os alemães a deixarem seu país de origem, conforme Giralda Seyferth<sup>8</sup>, foram a escassez de terras, a fragmentação das propriedades, o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários tanto dos operários como dos trabalhadores rurais. Além disso, havia também a propaganda das companhias de colonização e de agentes de emigração, tanto do Brasil, como de outros países. Essa propaganda se fazia em torno da consessão de terras no Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os futuros colonos teriam de enfrentar.

Toni V. Jochen, autor de *Pouso dos Imigrantes*, nos apresenta mais causas: “a melhoria dos meios de transporte possibilitando redução dos gastos de viagens transoceânicas; a pressão demográfica que se manifesta na Europa, não propriamente em termos absolutos, mas em termos relativos aos meios de subsistência. (...) Foram minoria os que emigraram por motivos de perseguição religiosa ou política.”<sup>9</sup>

Segundo Klaus Richter<sup>10</sup>, no final do século XIX, empresários e políticos alemães tinham interesses na emigração alemã para o Brasil meridional com a formação de poderosos quistos étnicos alemães no além-mar. Tentavam convencer o público através de inúmeros artigos nos periódicos da época, destinados à discussão de problemas migratórios.

Apesar de toda propaganda a favor e da esperança de viver melhor em um “Novo Mundo”, para os alemães que resolveram migrar a partida era difícil. Deixavam para trás tudo que amavam: familiares, amigos e um pequeno pedaço de terra dolorosamente cedido a outros. Além disso, a viagem em alto-mar, com dias intermináveis, trazia novos dissabores: pequenos navios balançavam aos caprichos do mar, chuvas, tempestades, ventos, tubarões e baleias, superlotação, enjôo, desintéria, febre nas crianças, lamentações, miséria, culminando com a falta de alimentos e água, inclusive para os doentes.

Por outro lado, o Brasil também tinha interesses na imigração, pois, temendo a falta de mão de obra, com a abolição da escravidão,

passou a incentivar a vinda de pessoas de outros países. Além disso, D. Pedro I era casado com a Arqueduesca Leopoldina de Hamburgo, filha do Imperador Francisco I da Áustria, e ao mesmo tempo conhecido por Francisco II, último Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. A descendência da Arquiduesca Leopoldina favoreceu a vinda de alemães e suíços.

A Colônia de Leopoldina, na Bahia, foi o primeiro núcleo fundado com imigrantes alemães no Brasil, em 1818. A partir desta data, imigrantes alemães entraram em vários estados brasileiros (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná), embora sua maior concentração tenha sido no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Os imigrantes alemães que entraram na Província de Santa Catarina durante o século XIX se localizaram nas áreas de florestas, entre o litoral e o planalto (dentro dos limites da denominada “mata atlântica”), longe das regiões de grandes propriedades luso-brasileiras empenhadas na criação de gado. As regiões se caracterizaram principalmente pelo regime de pequenas propriedades policultoras e pelo fato de permanecerem relativamente isoladas, gozando de uma certa autonomia e realizando um comércio em pequena escala, não especializado, dominado por alguns comerciantes proprietários de pequenas lojas nos principais centros coloniais. Estas regiões acompanharam o vale do rio Itajaí, desde o curso inferior até quase a nascente, já no planalto, abrindo vias de comunicação entre o litoral e a serra catarinense.

A fundação de colônias com imigrantes alemães em Santa Catarina se deve tanto à iniciativa privada como à iniciativa governamental (seja do Governo Imperial ou Provincial). Entre as colônias fundadas por iniciativa governamental podemos citar Itajaí-Brusque, Blumenau (depois transformado em colônia oficial a pedido de seu fundador), D. Francisca (instalada pela “Sociedade Colonizadora de Hamburgo”) e Ibirama (instalada pela “Sociedade Colonizadora Hanseática”) são exemplos de iniciativa privada na área de colonização.

A colônia de Itajaí localiza-se na bacia do vale do rio Itajaí-Açu, considerado o maior da bacia Atlântica de Santa Catarina. Cerca de 90% da área da bacia do Itajaí é de terrenos acidentados e essa topografia influiu desfavoravelmente no desenvolvimento da agricultura na região. Apesar de localizado numa zona temperada, o vale apresenta um clima chuvoso e quente no verão, com muita precipitação, o que ocasiona enchentes periódicas - um dos grandes obstáculos da colonização.

Os imigrantes alemães tiveram de se adaptar ao novo “habitat” e ao novo tipo de agricultura. Os colonos, na sua maioria, vinham completamente iludidos quanto ao tipo de vida que iriam ter no sul do Brasil. A propaganda na Alemanha não lhes dava a mínima informação - a não ser

que seriam proprietários de terras. Os colonos estavam totalmente despreparados para explorar um lote de terras coberto de florestas e isolado numa ampla área despovoada. Esse despreparo diz respeito a tudo: nada sabiam das técnicas agrícolas adequadas, do equipamento necessário ao desmatamento e plantio, dos tipos de roupa adequados à região ou mesmo da existência de bugres e de animais domésticos. Na administração da Colônia é que recebiam um machado, enxada e um facão ou uma foice. Foram três, provavelmente, as fontes de informação dos colonos: os administradores da colônia, os vendeiros e os jornais em língua alemã editados em Joinville e Blumenau.

Entre o litoral e a serra de Santa Catarina viviam os bugres Xokleng (taipa de pedra) e pertenciam ao grupo lingüístico dos Jê. Os índios Xokleng são também conhecidos por Botocudo, Kaingans e Xocrém. A sociedade indígena dos Jê é conhecida através da literatura etnológica, como pessoas arredias, agressivas, de resistência sócio-cultural. Conservavam ferrenhamente seus padrões de cultura e organização social, mantendo contato destrutivo com as tribos ditas "civilizadas". Andavam nus, enterravam seus mortos nos ranchos que abandonavam. Não praticavam lavoura; mantinham somente atividades de subsistência caçando e coletando alimentos na natureza. Para saciar a fome usufruíam do que dispunham assaltando assim, muitas vezes, as plantações dos imigrantes. Com o reforço da imigração, evidentemente, intensificou-se o processo de disputa pela terra. Os choques foram inevitáveis e a violência de ambas as partes foi avassaladora.

O que caracterizou os cinco primeiros anos de exploração agrícola do colono foi a rotação de terras primitivas. O colono ao tomar posse do seu lote construía uma casa rústica, com madeira obtida na propriedade. A casa e outras dependências (ranchos para guardar mercadorias e abrigar uns poucos animais domésticos) se situavam próximo à picada.

Logo em seguida, a policultura foi adotada e, por esse motivo, o colono trabalhava na lavoura durante todo o ano. Plantas cultivadas: milho, mandioca, cana-de-açúcar, fumo, feijão preto, cará, batata inglesa, batata-doce, amendoim. Repetindo um hábito camponês alemão, reservava-se um trecho do terreno para plantar a horta onde cultivavam legumes e árvores frutíferas para o consumo doméstico.

A unidade básica do sistema econômico é a pequena propriedade agrícola (25 hectares) trabalhada pela família, associando-se a este trabalho, em certos períodos, o artesanato, a busca do trabalho acessório (construção de estradas e picadas; "puxadores" de madeira nas serrarias; carpintaria e ferraria) e a tendência de produzir um excedente para o mercado;

efeito da articulação entre a aldeia e a cidade.

O trabalho na propriedade agrícola do colono alemão era exercido apenas pelos componentes da família (com exceção de crianças e velhos). O maior ou menor desenvolvimento da produção agrícola numa propriedade dependia diretamente do tamanho e composição da família.

O trabalho, em geral, era dividido da seguinte maneira: com exceção da derrubada, a mulher participava ativamente de todas as atividades do marido: preparo da roça, colheita, cuidado com os animais domésticos. Era considerado trabalho de mulher: cuidado com a horta e com a casa. As crianças de sete a quinze anos ajudavam em tarefas secundárias.

Nos cruzamentos das linhas coloniais geralmente aparecem pequenos povoados reunindo algumas residências, uma pequena capela, cemitério, uma (ou mais) casa comercial, alguns engenhos e um ou dois artesãos. Como as casas se distribuem ao longo de uma linha colonial transformada em estrada, a forma física que toma o povoado é alongada.

Em geral a vida social nas colônias era pouco movimentada. Restringia-se quase só em manifestações religiosas como casamentos, missas, novenas e devoções. As festas religiosas eram comemoradas em diversas localidades, tendo não só como motivo a reverência a certo Santo, como também a coleta de fundos para a melhoria dos eclesiásticos ou a manutenção do patrimônio da igreja. Tais festas incluem desde o ritual da Santa Missa, até barraquinhas com sorteio de presentes e baile.

A religiosidade dos imigrantes expressava-se de maneira autêntica, seja no lar, seja no cumprimento dos preceitos dominicais. A simples capela, católica ou protestante, era o ponto de encontro espiritual e cultural, meio de integração social para onde convergiam as naturais e legítimas aspirações da comunicação. Núcleo em torno do qual todos se reuniam para rezar e cantar, pois em toda a história da colonização, a religião foi o elemento animador das colônias, inculcando esperança e coragem aos pioneiros, principalmente nas horas de solidão em que tantas vezes se encontravam. Os que por motivos diversos não podiam ir à missa, ficavam em casa e, com o devocionário nas mãos, recitavam suas preces elevando sua alma ao Criador.

A imigração alemã foi, e ainda é, objeto de pesquisas históricas, sociológicas, lingüísticas, antropológicas e de outras ciências sociais. Na literatura, a temática da imigração dá substancialidade, trazendo no seu cerne o dualismo: Europa e América, passado e futuro, saudade e esperança. Entre os escritores catarinenses que retratam esse tema poderíamos citar Ricardo L. Hoffmann - *A Superfície*, Lausimar Laus - *O Guarda-roupa Alemão*, Urda Alice Klueger - *Verde Vale* e Adolfo Boos Júnior - *Quadrilátero*, obra que analisaremos a seguir.

#### **QUADRILÁTERO: UM ÂNGULO DIFERENTE DA HISTÓRIA**

“A obsessão humana agora pode ir muito longe em todas as direções, de modo que não se encontra nenhum canto, topo de montanha nem “cult-de-sac” com recessos para onde se possa fugir dessa dura determinação de sobreviver em mudança permanente”

(John W. Johnson)

Em *Quadrilátero* Adolfo Boos Júnior aborda a saga da colonização germânica no Vale do Itajaí. O autor constrói o romance em cinco partes não estanques denominadas de acordo com os elementos da natureza - os ventos, as águas, a terra, o fogo, os ventos. Estes, juntamente com outros elementos, como nome dos personagens (Matheus, Lucas, Paula) e animais (égua, burra) utilizados na trama, trazem consigo uma significativa carga simbólica.

A narrativa fixa-se na figura de Matheus Becker, que poderia ser considerado um anti-herói. A formação de dois triângulos amorosos (Matheus - Natália - Arnold e Matheus - Paula - Rudolf) dá uma consistência psicológica que perpassa todo o romance envolvendo o leitor.

Junto com Matheus encontramos outros imigrantes alemães: Helmuth Dobner e Gertrud, Edgar Berckmbrock e Irma, Willy Gracher, Ottokar Müeller e outros. De acordo com Antônio Holfeldt, “ainda que a narrativa modifique permanentemente a perspectiva sob a qual se desenvolve, é sempre em torno da figura de Matheus e, posteriormente daqueles que lhe fazem contraponto - como Arnold e Rudolf - que o enredo avança.”<sup>11</sup>

As situações acontecem meio por acaso, sem que o personagem saiba as razões daquilo que ele faz ou daquilo que fazem com ele. Essa passividade do homem se liga, entretanto, a uma busca pela felicidade. É como se, num misto de passividade e de desejo, o homem assistisse o seu declínio. Esse homem expressa-se como se fosse uma vítima ao mesmo tempo pecadora e inocente, agarrada a um passado por sua vez mais inocente e mais pecador.

Dessa forma, *Quadrilátero* é o relato da decadência, a história de um grupo humano que sai derrotado de sua terra natal e que continuará derrotado na terra adotiva. Adolfo Boos Júnior, mesclando ficção

à história catarinense nos apresenta o lado dos vencidos da imigração alemã no estado barriga-verde. Com essa finalidade, o romance desenrola-se em constantes contrapontos - sonho/realidade, passado/presente:

“sofreu, não há como negar e parece ter um estranho prazer em recordar; e, por isso, narra passo por passo, sujeira por sujeira, porque ainda pensa ser merecedor de um sonho”<sup>12</sup>

Em “As águas” o autor descreve a longa viagem de balsa de Itajaí até o interior, destino desconhecido porém almejado pelos imigrantes, e onde a natureza se impõe:

“O frescor da manhã já está esquecido, os homens esgotados, enquanto as mulheres continuam rezando no centro da embarcação; elas e as quatro crianças. (...) Desde a partida que as trovoadas acumulam-se sobre as serras no horizonte e os sons distantes parecem chamar os homens, intimidando. (...) Simplesmente não há descanso.”<sup>13</sup>

“procuram amoldar-se à natureza, estimulados pelo desejo de suportarem melhor o medo, o calor e os insetos; e garantem, prometem-se, duvidam - vai melhorar”<sup>14</sup>

No entanto, a desilusão e o desânimo abalam os sonhos dos imigrantes. Eles se sentem enganados e sofrem com as agruras da realidade:

“esperava outra coisa o que trabalho duro, mas não desse jeito o remédio é continuar se todos suportarem até o fim - e, escudados numa raiva silenciosa, encurtando os descansos, agarrados a uma esperança cada vez mais tênue”<sup>15</sup>

“mas viemos como agricultores; está lá, nos papéis (...) agora, tem uma coisa: a Companhia não foi correta é, não foi”<sup>16</sup>



Nessa mesma parte, Boos Júnior através de relatórios e cartas dos imigrantes enviadas à Colônia - pesquisados em livros históricos, conforme nos contou em entrevista<sup>17</sup> - relata a construção do “novo mundo”. Por misturar ficção à história, o autor utiliza-se da técnica do encaixe, intercalando os relatórios/cartas - com letras em caixa alta e parágrafo reduzido - com a narrativa:

“NO CONTRACTO CELEBRADO COM O IMPERIAL GOVERNO, A COMPANHIA COMPROMMETEU-SE A TRAZER PRIMEIRAMENTE 140 FAMILIAS, PARA COMPRAR E OCCUPAR OS LOTES DO NUCLEO, NAQUELLA PARTE DAS TERRAS MEDIDAS ENTRE O RIO ITAJAHY-MIRIM E HUM TRAVESSÃO AO NORTE . E PELAS NOTICIAS QUE NOS VÊEM CHEGANDO AS 130 FAMILIAS AINDA ESTÃO NA COLONIA DONA FRANCISCA, DE ONDE SAIRÃO PARA A NOVA COLONIA AGRICOLA DE SÃO BENTO.”<sup>18</sup>

“AS CASAS SÃO DA PIOR QUALIDADE, FEITAS DE TRONCOS DA MADEIRA PALMITO, PORQUE OS COLONOS ESPERAVÃO OUTRAS FAMILIAS E UMA SERRARIA FOSSE CONSTRUIDA PARA APROVEITAR A FORÇA DO RIO. A MISERIA E O DESCONFORTO TORNÃO SE CADA VEIZ MAIS AUMENTADOS E OS COLONOS SE TORNÃO DE PIOR HUMOR. A QUEIXA DELLES EH FUNDADA PORQUE A COLONIA ESTA SUJEITA AS CORRERIAS DOS BUGRES E SEM CAMINHOS NÃO EH POSSIVEL CORRER O MATTO ATRAZ DELLES.”<sup>19</sup>

Na parte denominada “A terra” vemos o grupo alemão já instalado, trabalhando a terra, aprendendo a lidar com a natureza e abrindo novos caminhos.

“do outro lado da caminho é quase tudo brejo, dá para arroz; aqui, no morro, é feijão, e milho, aipim também; terra boa, mais cento e poucos homens e tu vais ver (...) muita madeira, boa, de lei; só falta a serraria porque o rio está aí mesmo”<sup>20</sup>

“E chegara ao ponto mais alto do terreno, perto daquilo que - mais tarde identificaria como o centro da cidade. Declive abaixo, goiabeiras e abacateiros mostravam a existência de um pomar tão descuidado que, sob a vibratória luz da tarde, parecia o último e intocado vestígio da floresta que a cidade desalojara”<sup>19</sup>

Pudemos observar também, nas citações acima mencionadas, o tipo de agricultura característica da região (policultura), que era realizada pelos alemães; e o tipo de terreno (alongado e com morro). Em outra passagem, o autor nos descreve com detalhes a arquitetura da região, possibilitando ao leitor imaginar como era o povoado típico do Vale do Itajaí:

“Assim, são dez ranchos de palmito, cobertos de palha, pobres e precocemente envelhecidos, que se perfilam num caminho chamado *Strasse der Freude*, agrupados dois a dois, no limite de um lote com outro; dez taperas (algumas exibindo um puxado, uma meia-água ou um chiqueiro, nos fundos, como prova de um sonho inacabado), abrigando gente que morre todo dia um pouco, de exaustão, malária ou diarreia, à espera das outras cento e quarenta famílias, desiludindo-se e negando a própria desilusão.”<sup>22</sup>

No entanto, a terra já tinha “dono”. Os índios que aqui viviam sentiram-se invadidos com os novos habitantes e começaram a lutar pelo seu espaço. Em “O fogo” Adolfo Boos Júnior relata a destruição da colônia de Kalsburg pelos índios, ou bugres, como os alemães os chamavam. Dessa forma morrem Helmuth, Gertrud, Edgar, Ottokar e Willy:

“antes de entrar em casa - pára e começa a bater o triângulo pendurado num caibro sob a meia-água. Alguma coisa penetra em seu rim, alguma coisa dura e em brasa, marcando o nascimento da dor e de um grito igual ao de Helmuth. (...) Quando consegue virar o corpo, superando a dor e o medo, dois índios já estão sobre ele e seu olhar enevoado vê o terceiro, com uma alegria pura e infantil, batendo o triângulo, na continuação do alarme inútil.”<sup>23</sup>

Irma enlouquece:

“corre para o outro cômodo, mas - na porta - como em todos os

seus pesadelos, um índio barra a sua passagem, empurrando-a para trás. (...) Empurrando-a, o índio leva-a na direção do fogão (...) o fogo começa a consumir sua saia e a primeira labareda lambe suas coxas. Numa trágica brincadeira de empurra-empurra, seu corpo é trazido de volta e, puxando seus cabelos com violência, o bugre encosta sua cabeça sobre a mesa - e, nem naquele momento e por todo o restante de sua vida, Irma desviou-se da afirmativa, *caiu da cama, até mais tarde, na solidão da loucura*”<sup>24</sup>

Apesar de liquidados pelos índios, os imigrantes alemães já se sentiam derrotados. Seus sonhos desmoronaram com a dura realidade. Dessa forma, até o ataque derradeiro dos bugres, Helmuth não conseguira montar sua olaria, nem Edgar dar aulas ou abrir seu armazém, assim como Willy, Ottokar e os outros não atingiram seus objetivos.

“Sem jeito, Edgar cisma, *a miséria de um, alegria dos outros*, rodando a caneca entre as mãos inutilmente calejadas, olhando as unhas roídas, os dedos que difícil e raramente seguram uma caneta como se o mestre-escola de um ano antes fosse sepultado perto do porto”<sup>25</sup>

Os únicos sobreviventes - fugiram a tempo - foram Matheus e Natália. Aquele, porém, arrebatado pelo fogo da paixão, acaba com a vida de quem lhe atravessar o caminho entre ele e Paula: o marido Rudolf e a empregada Helga.

“é claro que existiu paixão; nele, porque só um desejo muito veemente poderia forçá-lo a fazer o que fez; nela, porque só uma força maior poderia levá-la a aceitar o gesto e todas as suas conseqüências, pois suas amarras eram muito mais fortes”<sup>26</sup>

Conforme Antônio Holfeldt, *Quadrilátero*, conseqüentemente, é a narrativa da decadência e da derrota dessas personagens, elementos passivos de um destino que desconhecem mas, que sofrerão com toda sua força.”<sup>27</sup>

Adolfo Boos Júnior busca, ao contar a história dos vencidos, fugir do rótulo da colonização germânica: “geléia, cortinas, flores”<sup>28</sup>

mostrando o lado obscuro da história.

## NOTAS

1. HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. (Série Logoteca) p. 184-5.
2. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense - Universitária, 1981. p. 156-7.
3. JUNKES, Lauro. *A Fragmentação da Plenitude*. Trabalho aprovado no concurso para Professor Titular. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992 (mimeo) p. 57.
4. AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 5ª ed. Coimbra: Almedina, 1983. p. 625.
5. KRISTEVA, Julia. "A Palavra, o Diálogo e o Romance" In: *Introdução à Sémiose*. Tradução: Lúcia H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Debates, 84) p. 64.
6. id. ibdem. p. 62.
7. BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*. Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira 1986 - São Paulo: Melhoramentos, 1986.
8. SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. - Porto Alegre: Movimento, 1974. (Coleção Documentos Brasileiros, volume 5) p. 28.
9. JOCHEM, Toni Vidal. *Pouso dos Imigrantes* - Florianópolis: Papa-Livro, 1992. p. 19.
10. RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanséutica de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau*. 2ª ed. rev. e ampl. - Florianópolis: UFSC, Blumenau: FURB, 1992. p. 14.
11. HOLFELDT, Antônio. *A Literatura Catarinense em Busca de Identidade: o romance*. - Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC, Ed. da UFSC, 1994. (vol. 2) p. 222.
12. BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*. Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira 1986 - São Paulo: Melhoramentos, 1986. p. 379.
13. id. ibdem. p. 93.
14. id. ibdem. p. 96.
15. id. ibdem. p. 106.
16. id. ibdem. 114.
17. Anotações em caderno da entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, realizada pelos mestrandos da Pós-Graduação em Letras no curso "A História do Romance em Santa Catarina", ministrado pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, na UFSC, no dia 05/12/1994.
18. Op cit. nota 7. p. 120.
19. id. ibdem. p. 175-6.
20. id. ibdem. p. 195.
21. id. ibdem. p. 229-30.
22. id. ibdem. p. 124.
23. id. ibdem. p. 356.
24. id. ibdem. p. 334.
25. id. ibdem. p. 250.
26. id. ibdem. p. 336-7.
27. HOLFELDT, Antônio. *A Literatura Catarinense em Busca de Identidade: o romance*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC, Ed. da UFSC, 1994. (vol. 2) p. 224.
28. Anotações em caderno da entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, realizada

pelos mestrandos da Pós-Graduação em Letras no curso "A História do Romance em Santa Catarina", ministrado pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, na UFSC, no dia 05/12/1994.